

ENTRE ESCUTAS E MARGENS: QUANDO A REFLEXÃO SE TORNA PRÁTICA

PÉROLA SERON ¹

Ressonância ao artigo Equipe Reflexiva como Prática Colaborativo-Dialógica: o trabalho com homens autores de violência dos autores Haira da Silva Baldança, Abner Galdino dos Santos e David Tiago Cardoso, publicado na edição de agosto de 2025 da Revista Nova Perspectiva Sistêmica.

¹ Associação Paulista de
Terapia Familiar (APTF),
São Paulo, SP, Brasil.

“Conversar colaborativamente é percorrer o território das incertezas.”
— Lion (2017)

Há textos que se leem com a cabeça. Outros, com o corpo inteiro. Este artigo — sobre a experiência de uma equipe reflexiva em um grupo de homens autores de violência no CREAS — pede de nós, leitores, uma leitura de corpo inteiro. Não apenas pela densidade política e ética do tema, mas porque sua escrita vibra em uma atividade corporificada: ela fala desde os poros, desde a margem, desde a vivência material e concreta de quem se dispõe a dialogar onde o diálogo parece impossível, indizível, inaudível, onde temos uma oportunidade de reaprender a conversar e ter conversas possíveis. Lê-lo foi como se eu tivesse de fato sido teletransportada para aquele tempo e espaço onde o grupo aconteceu.

Logo nas primeiras linhas, já não estamos diante de uma teoria sobre as ideias Construcionistas Sociais, mas dentro delas. Quando cita Gergen, Butler, Nogueira, Beiras e Lion, não o faz para empilhar teorias, mas para costurá-la artesanalmente e performá-la no cotidiano da prática. O texto faz o que defende: constrói saber na relação, na conversa, na responsividade, no entre da inteiração imediata e da polivocalidade.

A equipe reflexiva, a la Tom Andersen, torna-se presença que parece nos convidar o tempo todo: vamos pensar juntos? Os refletores devolvem o mundo por meio da linguagem, através das palavras usadas pelos participantes — não para diagnosticar ou psicoeducar, mas para continuar ampliando e estimulando a reflexividade. E, nessa continuidade, vemos emergir um gesto político, responsável e ético: o de deslocar o olhar sobre o homem autor de violência, sem desresponsabilizá-lo pela parte que causou dor no outro, tendo o cuidado para acolher com uma escuta curiosa, não colonizadora e, obviamente, sem reforçar as violências que o constituem, mas também sem reduzi-lo a esse recorte de sua existência que é tão humana e repleta de complexidades e paradoxos.

O que ressoa mais forte, porém, é a posição de quem reflete, caminhando de maneira criativa a partir das próprias inquietações, sensação de cansaço, incômodos e sentimentos que brotam de modo visceral. Quem cuida também tem corpo, ideologias, histórias, valores, é sujeito da linguagem e tudo isso é matéria-prima trazida para a conversa que, junto com os recursos conversacionais que a equipe traz dos processos reflexivos inspirados por Tom Andersen, possibilitará construir algo novo junto com os participantes.

A equipe é composta por uma mulher e um “viado” (segundo o texto), corpos que já carregam em si o contra-discurso. Esses corpos não apenas observam o grupo, mas transformam o campo de escuta. A marginalidade aqui é potência e cuidado, e não ausência. Aqui, o diálogo é também uma forma de resistência e de se fazer uma revolução íntima. Eles tensionam as normas, sistemas, estruturas, questionam crenças, suposições, preconceitos, desobedecem suavemente às formas instituídas do conhecimento e nos lembram que toda escuta é também situada, encarnada, e que o pessoal é político.

Assim, a reflexão não é sobre ou para “eles” — os homens —, mas com eles ou “entre nós”, enquanto comunidade unida em colaboração e diálogo, na responsividade reflexiva que se produz a cada fala, a cada silêncio, a cada desconforto. A equipe cria um contexto conversacional que convida a um clima afetivo, onde a diferença, a margem, a contradição não paralisam, mas permitem somar, crescer, mover e transformar, o que possibilita falar de coisas difíceis de maneira corajosa e capaz de abrir novas possibilidades que ainda não haviam sido encontradas.

O artigo se movimenta no território do não saber — esse espaço fértil onde o SUAS, a psicologia social, as epistemologias feministas e o construcionismo social se encontram numa mesma roda de conversa. Ali, a incerteza de não haver um roteiro nem garantias deixa de gerar insegurança para se tornar um terreno firme de abertura e disponibilidade emocional para estar com o outro. Há potência em não prever, em deixar-se afetar, em habitar o que McNamee (2015) chama de *presença radical*. É desse lugar que emergem perguntas vivas:

- Como criar contextos dialógicos quando a dor ocupa o espaço?
- Como sustentar o olhar ético sobre o outro sem perder a própria humanidade?

O texto responde com delicadeza:

Pela escuta, pela curiosidade, pela humildade de quem se sabe também parte do sistema que quer transformar. Essa talvez seja a mais bela tradução do que o Construcionismo Social propõe — um convite à coautoria e coconstrução da realidade.

Porque, no fim, é nesse entre — entre o grupo e o corpo, o público e o íntimo, o masculino e o transbordamento — que o construcionismo social se revela em sua maior potência: a de construir realidades onde caibam todas as vozes, todos os corpos, todas as histórias que ainda não tiveram espaço de voz e vez de falar.

Ao final, o artigo não oferece respostas, mas abre caminhos. Caminhos que cheiram a café partilhado, a papel pardo com anotações de sínteses. Caminhos que nos lembram que toda conversa pode ser um ato político e que as margens — quando se escutam — reescrevem o centro.

REFERÊNCIAS

Baldança, H. da S., Santos, A. G. dos, & Cardoso, D. T. (2025) Equipe reflexiva como prática colaborativo-dialógica: o trabalho com homens autores de violência. *Nova Perspectiva Sistêmica*, [S. l.], v. 34, n. 82, p. 88–101. Disponível em: <<https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/869>>. Acesso em: 18 out. 2025.

PÉROLA SERON

Psicóloga pelo Centro Universitário do Norte de São Paulo (UNORTE), transfeminista, especialista em Terapia de Casal e Família pelo Instituto de Terapia Familiar de São Paulo (ITFSP), possui Certificação em Práticas Colaborativo-dialógicas. Atua como psicóloga e supervisora clínica. Além disso, é membro da Diretoria Executiva da Associação Paulista de Terapia Familiar (APTF) - gestão 2025-2028 e é associada colaboradora do Instituto Noos.

Email: perola.tcd@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-7655-2954>